

PANC CONHECIDAS E CONSUMIDAS POR ESTUDANTES DO CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA DO IF BAIANO CAMPUS SERRINHA

Carla Teresa dos Santos Marques¹; Laise Barbosa Santos²; Edna Santana dos Santos³; Edeilson Brito de Souza²; Erasto Viana Silva Gama⁴

¹ Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Lavouras Xerófilas - XERÓFILAS. Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), Campus Serrinha – BA. E-mail: carlamarques.ifbaianoserrinha@gmail.com

² Estudante do Curso Técnico em Agropecuária, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF BAIANO), Campus Serrinha, Bolsista PIBIC EM/ IFBAIANO/ CNPq; E-mail: edeilsonbritoibs@gmail.com

³ Estudante do Curso Técnico Integrado em Agroecologia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF BAIANO), Campus Serrinha, Bolsista PIBIC EM/ IFBAIANO;

⁴ Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Lavouras Xerófilas - XERÓFILAS. Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), Campus Serrinha – BA. E-mail: erasto.ifbaianoserrinha@gmail.com

Resumo: As plantas alimentícias não convencionais (PANC) podem ser entendidas a todas as plantas que não são produzidas em sistemas agrícolas convencionais, mas que contribuem na alimentação e /ou tem potencial de contribuição com a alimentação e nutrição humana. Neste trabalho, buscou-se verificar informações sobre o conhecimento e o consumo de PANC por estudantes do Curso Técnico Integrado em Agroecologia do Instituto Federal Baiano – Campus Serrinha, através do diagnóstico participativo. No levantamento, foram identificadas 46 espécies, sendo as mais conhecidas por seu uso alimentício a língua de vaca (*Talinum triangulare* (Jacq.) Willd, Portulacaceae), fruto do mandacaru (*Cereus jamacaru* P.DC, Cactaceae), licuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc., Arecaceae) e palma (*Opuntia ficus indica* (L.) Mill., Cactaceae). As mais consumidas foram a língua de vaca e o licuri. O estudo sugere que muitas espécies de PANC têm ou tiveram importância significativa na vida dos estudantes e suas famílias, e demonstra a importância de futuras pesquisas que aprofundem informações sobre o uso e conhecimento tradicional dessas espécies no semiárido.

Palavras-chave: agroecologia, juventude, semiárido, soberania alimentar, etnobotânica.

Introdução

O estabelecimento de padrões sociais de consumo, impulsionado pelos mercados globalizados, tem influenciado diretamente as expressões culturais, alimentares e nutricionais das comunidades tradicionais nas diferentes regiões do mundo (BRACK, 2016). Os modelos de produção agrícola estabelecidos a partir da revolução verde e o avanço dos oligopolios agroindustriais favoreceram a padronização dos hábitos alimentares e a desvalorização cultural das espécies nativas (SANTILLI, 2012).

Essa padronização da alimentação humana tem negligenciado o conhecimento acumulado das comunidades humanas sobre as espécies alimentícias da agrobiodiversidade (BRACK, 2016), gerando o abandono das espécies tradicionalmente usadas na alimentação das populações tradicionais e desconsiderando o direito dos povos a controlar suas próprias sementes, terras e água,

para garantir seu acesso a alimentos variados e nutritivos, de forma autônoma, participativa, comunitária e compartilhada (STÉDILE e CARVALHO, 2010).

Ao contrário a construção de conhecimentos agroecológicos possibilita que os sistemas agroalimentares se desenvolvam assegurando o fortalecimento dos vínculos orgânicos entre a diversidade biológica e a diversidade cultural que conformam patrimônios bioculturais das populações humanas, reconhecida como sociobiodiversidade (BRACK, 2016). Nesse contexto, a valorização das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) e seus usos em práticas e receitas, na produção de saberes, fazeres e sabores simbolizam formas de resistência cultural contra a padronização de nossa alimentação (CASTRO, 2014), sendo assim consideradas alimentos tardicionais.

As PANC são definidas como plantas usadas na alimentação humana de forma direta e indireta, ou mesmo com algum potencial de uso para a alimentação humana, seja de forma direta ou indireta. As formas de utilização diretas são raízes, tubérculos, rizomas, caules, bulbos, talos, folhas, flores, frutos ou sementes, incluindo o látex, resinas e gomas. Já as formas indiretas são quando as estas espécies interas ou em parte são usadas para obteção de oléos e gorduras comestíveis (KINUPP e LORENZI, 2014). Ainda de acordo com Kinupp e Lorenzi, estão incluídos ai as especiarias, as condimentares e aromáticas e as plantas usadas para obtenção de substitutos do sal, edulcorantes, amaciantes, corantes alimentícios, além da plantas usada para produção de bebidas, tonificantes e infusões.

Este trabalho tem por objetivo diagnosticar o conhecimento sobre as espécies alimentícias não convencionais entre os (as) jovens estudantes do primeiro ano do Curso Técnico Integrado em Agroecologia, no Instituto Federal Baiano – *Campus Serrinha*.

Metodologia

O presente estudo foi realizado no Território de Identidade do Sisal (Figura 01), localizado no semiárido baiano, a pouco mais de 200 km de Salvador. Abrange uma área de 21.256,50 Km² e é composto por 20 municípios: Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Serrinha, Teofilândia, Valente, Barrocas, Biritinga, Conceição do Coité, Ichu, Lamarão, Retirolândia,

Santaluz, São Domingos, Tucano, Araci, Candeal, Cansanção e Itiúba, com uma população de 570.720 habitantes (SEI, 2017).



FIGURA 01. Mapa do Território de Identidade do Sisal. Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI, 2017).

O *Campus Serrinha* é uma das quatorze unidades do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), localizado a Estrada Vicinal de Aparecida, s/n. Bairro Aparecida no município de Serrinha. Os jovens participantes desta pesquisa tem entre 13 e 20 anos de idade, estão cursando o primeiro ano do Curso Técnico Integrado em Agroecologia IF Baiano – *Campus Serrinha*, sendo estes e estas majoritariamente oriundos de comunidades rurais de quatro municípios do Território do Sisal – BA, a saber: Araci, Barrocas, Teofilândia e Serrinha.

Este trabalho, foi desenvolvido como parte da atividade de diagnóstico, realizado pelo “Projeto Salada: ensino, pesquisa e extensão em horticultura agroecológicas e alimentos tradicionais”,

aprovado na Chamada 05/2016 – IF Baiano – Programa Primeiros Projetos. O projeto Salada esforça-se em unir ensino, pesquisa e extensão em seu processo pedagógico de construção de conhecimento e, para tal, baseia-se na interlocução dos saberes, acerca das espécies de PANC, para possibilitar sua ressignificação.

Durante o diagnóstico sobre o nível de conhecimento dos estudantes sobre as PANC estes eram estimulados a indicar quais PANC eles conheciam e destas quais destas eram utilizadas como alimnetos por eles e ou suas famílias.

Os dados foram tabulados e analisados qualitativamente e quantitativamente, quanto a frequência em as PANC eram relatadas e consumidas pelos estudantes e ou suas famílias.

Resultados e discussão

Os (as) jovens entrevistados (as) possuem faixa etária de 14 a 20 anos, são predominantemente do sexo feminino. Estes (as) citaram 46 PANC, estando demonstradas na Tabela 1 as 10 espécies de maior expressividade, apontadas pelos entrevistados como presentes dentro do ambiente e conhecimento destes, localizados no Território do Sisal. Verificou-se que as espécies mais conhecidas por estes (as) são a língua de vaca (*Talinum triangulare* (Jacq.) Willd, Portulacaceae), o mandacaru (*Cereus jamacaru* P.DC, Cactaceae), licuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc., Arecaceae) e palma (*Opuntia ficus indica* (L.) Mill., Cactaceae), sendo relatadas por 73,3%, 66,6%, 63,3% e 50% dos entrevistados, respectivamente (Tabela 01).

Compreender o nível de conhecimento dos jovens agricultores familiares acerca das PANC serve como importante parâmetro para determinar como os conhecimentos sobre os hábitos alimentares e como as formas de relacionamento entre as populações rurais e o ambiente onde estão inseridas são transmitidas entre as gerações.

O fato dos estudantes terem conhecimentos sobre as PANC, não significa que estas plantas estão presentes em seus hábitos alimentares ou mesmo de suas famílias. Na Figura 1, são apresentados os resultados observados sobre o consumo dessas espécies vegetais, mesmo que apenas uma vez, pelos (as) 30 estudantes do 1º ano do Ensino Médio no IF Baiano – *Campus Serrinha* participantes da pesquisa.

TABELA 01: Espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) e frequência de relato (%) em que foram citadas pelos (as) entrevistados (as), estudantes do 1º ano do Ensino Médio no IF Baiano do Curso Técnico Integrado em Agroecologia. Serrinha, 2016.

Nome popular	Nome científico	Relato(%)
Língua de vaca	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.	73,3
Mandacará (fruto)	<i>Cereus jamacaru</i> P.DC.	66,6
Licuri	<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	63,3
Palma	<i>Opuntia ficus indica</i> (L.) Mill.	50,0
Bredo	<i>Amaranthus</i> spp.	43,3
Maracujá do mato	<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	40,0
Umbú (raiz)	<i>Spondias tuberosa</i> L.	36,6
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes.	30,0
Quixaba	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) Penn.	23,3
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	20,0

Fonte: Os autores.

Dentre os entrevistados 60% relataram já ter consumido ou consumirem atualmente o licuri, e 50% a língua de vaca, 20% dos entrevistados relataram consumir bredo, maracujá do mato, raiz de umbuzeiro, quixaba e maxixe. (Figura 01).

Se considerarmos dentre os que citaram a espécie, dos 19 entrevistados que citaram o licuri e 94,7% relatam consumir ou já terem consumido essa espécie, enquanto que dos 22 entrevistados que citaram a língua vaca como uma das PANC conhecidas, mas destes apenas 68,2% relataram consumi-la ou já terem consumido.

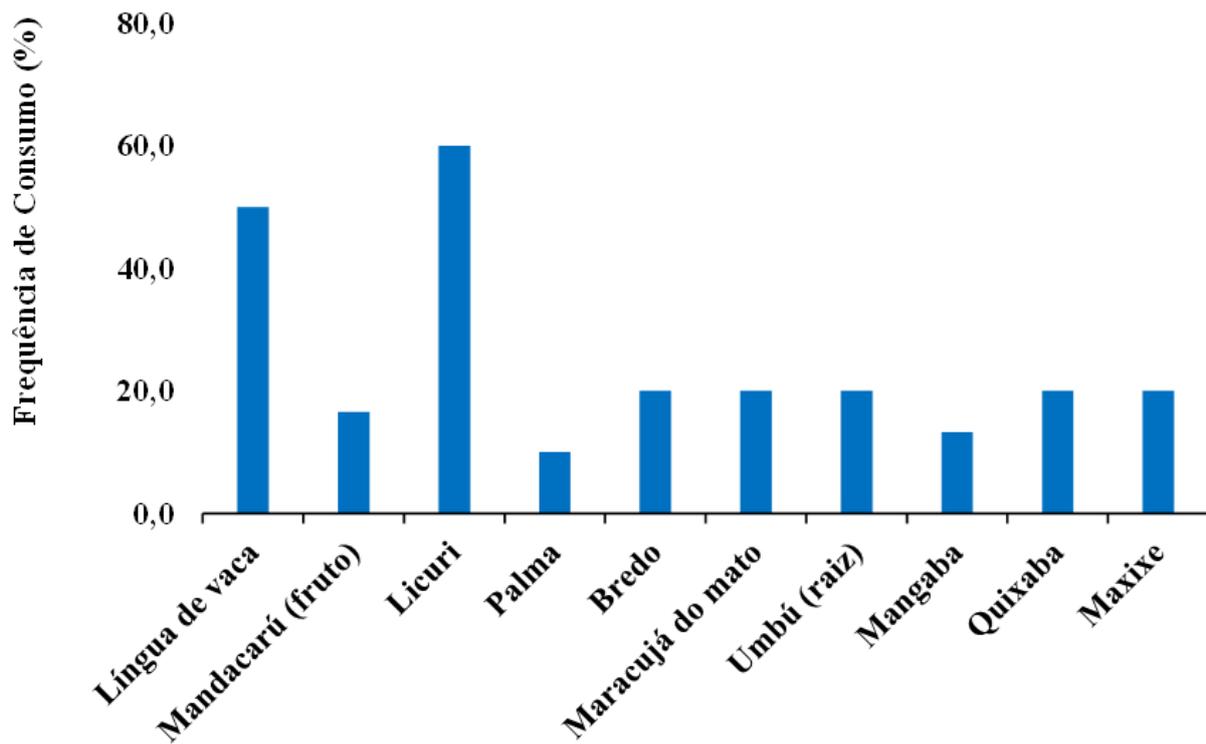


FIGURA 01: Espécies de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) e frequência de consumo (%) pelos (as) entrevistados (as), estudantes 1º ano do Ensino Médio no IF Baiano do Curso Técnico Integrado em Agroecologia. Serrinha, 2016.

Nota-se, portanto, a importância do licuri dentro do contexto estudado, sendo esta uma palmeira típica do Semiárido brasileiro com grande ocorrência no centro-norte baiano (CARVALHO et al., 2014), e onde se localiza o Território do Sisal, podendo explicar a expressividade do consumo entre os (as) jovens pesquisados. Ainda, de acordo com Carvalho et al. (2016), a amêndoa do licuri é rica em nutrientes e de múltiplos usos (22 categorias/subcategorias), sendo utilizada em diversos produtos alimentícios, e sua palha tem uso artesanal, gerando renda a muitas famílias que sobrevivem de sua colheita, principalmente no período de longa estiagem. Seu manejo é também de grande importância para essas regiões, sendo uma palmeira significativa e de antiga tradição de uso pelos povos das caatingas baianas.

Apesar de serem muito relatadas, dentro do rol de conhecimento dos jovens entrevistados, a palma e o fruto do mandacaru são PANC que foram ou são consumidos, respectivamente, por apenas 20% e 25% dos jovens que as citaram. Mesmo estes jovens as reconhecendo como plantas alimentícias, fica evidente que seu consumo não é expressivo, o que pode ser explicado pelo tabu alimentar de serem plantas de uso na alimentação animal, ou por representarem plantas emergenciais, associadas

a períodos de escassez de alimentos, e por isso, pouco aceitos (NASCIMENTO e VASCONCELOS, 2012). Nesse caso, deve-se considerar que se refira a geração dos pais dos jovens entrevistados, já que são estes que preparam os alimentos.

Outra espécie de relevante aceitação citada, considerada como PANC em muitas regiões do país, foi o maxixe (*Cucumis anguria* L., Cucurbitaceae), que foi relatado por 20% dos entrevistados e todos eles disseram consumir ou já ter consumido.

Além das plantas mencionadas acima outras foram citadas, como: algaroba, amora, andú, araticum, arioba, basparí, biri, cabaça de carne, cabeça de frade, cajá, caju, cajuí, cambucá, castanha do maranhão, caxi, caxixi, conde, espinafre, fruta pão, jenipapo, hibisco, juá, laranja brava, macambira, mandioca do mato, mangalô, maxixe do mato, melancia da praia, muriçi, pepino melão, pequi, peri/pirí, pinha, siriguela, tamarindo e tomate cereja.

Finalmente os resultados nos trazem uma reflexão quanto ao conceito das PANC, pois para além das definições explícitas anteriormente nesse trabalho, há o seu conceito dentro das especificidades das ecoregiões e das formas de produção locais (BRACK, 2016). Isso tornou-se evidente na pesquisa pois aquilo que é considerada PANC em uma determinada região, em outras faz parte do cotidiano das pessoas, como por exemplo o andu ou guandu (*Cajanus cajan* (L.) Hulth, Leg. (Papilionoideae), que foi relatado por apenas um entrevistado. Para os outros não foi considerada uma PANC, talvez por ser encontrado com frequência nas comunidades rurais e nas feiras livres de muitos municípios do Território do Sisal.

Conclusões

O estudo sugere que muitas espécies de PANC têm ou tiveram importância significativa na vida dos estudantes e suas famílias, sendo citadas como conhecidas e/ou consumidas por eles, o que demonstra sua potencialidade e a necessidade de resgate e valorização das mesmas, incluindo-se as sementes crioulas e outras plantas associadas a diferentes culturas tradicionais e culturas alimentares, garantindo a sustentabilidade dos agroecossistemas familiares, a segurança e a soberania alimentar das gerações atuais e futuras.

Além de demonstrar a importância de futuras pesquisas que aprofundem informações sobre o uso e conhecimento tradicional dessas espécies no semiárido, ainda pouco estudado no presente, norteadas as ações do projeto em curso.

Fomento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano.

Referências

ABRAMOVAY, R. et al. Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios. Chapecó/Brasília: FAO/INCRA/EPAGRI-SC/Centro de Pesquisa para Pequena Propriedade, 1997.

BRACK, P. Plantas alimentícias não convencionais. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia. v. 13, n. 2. p. 04-06. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Hortaliças não-convencionais: (tradicionais) / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. – Brasília: MAPA/ ACS, 2010. 52 p.

CARVALHO, A. J. A.; FERREIRA, M. H. S.; ALVES, J. S. O licuri (*Syagrus coronata*, Arecaceae): lavoura xerófila e agricultura familiar camponesa no semiárido do centro-norte baiano. Bahia Análise & Dados, v. 24, n. 3, p. 557-569, 2014.

CARVALHO, A.J.A.; FERREIRA, M.H.S.; ALVES, J.S. Manual do Licuri: Programa Conca – sustentabilidade, saberes e sabores da Caatinga. Salvador: Áttema, 2016. 100 p.

CASTRO, Francileia Paula – “Cultura alimentar e agroextrativismo: saúde na mesa e renda no campo”. In: Rio de Janeiro: Revista Agriculturas, v. 11 – n. 4 • dezembro de 2014 p 11.

DUBEUX, A, M.; MEDEIROS, A. A construção de conhecimentos em Agroecologia no Semiárido brasileiro: interculturalidade e diálogo de saberes na sistematização de experiências. In: S.

KINUPP, V.F.; LORENZI, H. Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p. 2014.

MEDEIROS, S. DUBEUX, A; A. AGUIAR, M, V de. (org). Agroecologia na convivência com o semiárido: experiências vividas, sentidas e aprendidas. Recife: Ed. Dos Organizadores, 2015. v. 1: il. p. 350-356.

NASCIMENTO, V.; VASCONCELOS, M.; MACIEL, M; ALBUQUERQUE, U. Famine foods of Brazil's seasonal dry forests: ethnobotanical and nutritional aspects. Econ Bot. 2012.

SANTILLI J. A Lei de Sementes brasileira e os seus impactos sobre a agrobiodiversidade e os sistemas agrícolas locais e tradicionais. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 7, n. 2, p. 457-475, maio-ago. 2012.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Disponível em http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2289&Itemid=265. Acesso: 23 de setembro de 2017.

STÉDILE J. P.; CARVALHO, H. M. Soberania alimentar: uma necessidade dos povos. 2010. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2011/03/25/soberania-alimentar-uma-necessidade-dos-povosartigo-de-joao-pedro-stedile-e-horacio-martins-de-carvalho/>> Acesso em: 22 de setembro de 2016.

STROPASOLAS, V. L. O mundo rural no horizonte dos jovens. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. 346 p.